

ROMINA: UMA MOCINHA DESCONFORTÁVEL

Juliana Artola Bruno¹

1 Mestre em Psicologia Clínica

Resumo

O presente trabalho propõe, discute e problematiza alguns conceitos e noções vinculadas com as contribuições conceituais realizadas pelos estudos da psicanálise e gênero em virtude de uma situação clínica que eu trabalhei no contexto da clínica privada.

Na mencionada articulação, a partir das formas de sofrimento de Romina, trabalhamos sobre o mandato da maternidade como destino, com os conhecidos custos que isso gera, e a obturação de outros desejos e destinos possíveis que isso acarreta; sobre a impossibilidade de manter o desejo e o prazer da sexualidade, porque isso supõe a possibilidade de agência ou apropriação subjetiva, em muitos casos inibida; sobre o vínculo de casal, a partir do entendimento de que o amor é um núcleo duro e resistente às mudanças; e, por último, sobre o lugar da hostilidade e seus destinos, associada de forma direta com as formas de socialização feminina.

Para terminar apresentamos reflexões sobre o trabalho com a paciente nesses anos, a partir de uma compreensão psicodinâmica heterodoxa e pós-patriarcal que possibilitou o encontro com seu desejo e com a construção de condições que abrem passo à sua autonomia, sem que sua possibilidade de amar esteja sob ameaça por esse motivo.

Considerações preliminares

Celia Amorós (2000) coloca a tensão existente entre psicanálise e feminismo. Embora essa afirmação já tenha alguns anos, que foram especialmente produtivos em relação ao posicionamento do feminismo no diálogo junto com outros conhecimentos e áreas disciplinares e políticas, entendemos que ainda mantém vigência. Essa tensão se explica porque o feminismo existe por causa da denúncia do lugar de subordinação que a mulher teve ao longo da história e da cultura; enquanto a psicanálise (ou ainda melhor, determinada psicanálise), por meio da construção de suas teorias sobre a subjetividade humana, contribuiu a perpetrar esse lugar através de postulados androcêntricos e sexistas. Neste sentido, é necessário reconhecer que a psicanálise pode ser útil para o feminismo, de modo de contribuir com a compreensão da subjetividade e o sofrimento humano, ao tempo que precisa continuar revisando sua teoria em consideração das contribuições do feminismo e as teorias de gênero para, como coloca Silvia Bleichmar, dar suporte aos paradigmas, se desvinculando do lastro, e adquirir dessa maneira uma compreensão diferente da subjetividade.

Quando um paciente chega no nosso consultório, muitas vezes não tem uma total clareza sobre com que quadros teóricos nós trabalhamos ou quais são os autores de nossa preferência. No entanto, o que importa é poder entender seu mal-estar subjetivo e, a partir disso, aliviar seus sofrimentos. Nossa escuta precisa ser ética, comprometida e colocar à disposição as ferramentas necessárias para compreender da melhor

maneira possível esses sofrimentos, e para isso consideramos que o diálogo entre os estudos de gênero e a psicanálise é imprescindível. Não há dúvidas sobre a contribuição da psicanálise ao entendimento do psiquismo e suas formas de sofrimento. Por sua parte, as teorias de gênero permitiram entender que o sistema de gêneros é um dispositivo poderoso de regulação social bem como uma poderosa planta de construção subjetiva (Meler, 2013), com base na posição de domínio do masculino comparado com o feminino, acarretando prescrições e proscições de acordo com o gênero; o que implica consequências nas formas de sofrimento de mulheres e homens. Então, precisamos levar em consideração que "(...) na tensão entre os sociologismos e psicologismos escutamos alguém único falar, que carrega a marca do seu momento histórico" (Tajer, 2021, p. 140) e é a partir disso que conseguiremos a melhor compreensão possível.

Em relação ao mencionado anteriormente, nas próximas páginas colocamos, discutimos e problematizamos alguns conceitos e noções vinculadas com a área dos problemas das masculinidades e feminidades, a partir da revisão da teoria psicanalítica, através das ferramentas conceituais dos estudos de gênero, em virtude de uma situação clínica que eu trabalhei no contexto da clínica privada, sendo que a compreensão e abordagem dessa situação foi desde o campo disciplinar.

Romina: uma mocinha desconfortável¹

Sobre Romina

Romina chegou ao consultório no final de 2017. É uma profissional universitária e no momento de iniciar a psicoterapia tinha 28 anos.

Na primeira entrevista comenta que tem três filhos, casou há muitos anos com seu parceiro (Luis), quem fora seu companheiro desde os 15 anos. Ela mora em uma área rural, e moram nesse local por uma decisão dos dois. Nesse momento, ela gostava desse local, porém não sabia dirigir, e tinha muitas dificuldades para se locomover com autonomia, ainda mais com três crianças pequenas.

1 Gostaria de fazer dois comentários sobre o título. Primeiro, que os dados horizontais da paciente e sua família foram alterados para apresentar o caso clínico neste trabalho. Além disso, a referência ao termo *mocinha* represente uma metáfora em relação ao sofrimento da paciente, pois sua subjetivação me faz lembrar o poema que estava pendurado no banheiro da escola do convento em que eu cursei:

Mocinha

Seja amável, porém não solta.
Seja digna, porém não orgulhosa.
Dê risadas, porém não gargalhadas.
Olhe, porém com pudor.
Seja meiga, porém não flexível.
Seja alegre, porém não fútil.
Converse, porém com moderação.
Seja doce, porém não insuportável.
Ame, porém com pudor.
Escute, mas nem sempre acredite.
Seja mulher, porém não uma boneca.

Esses mandatos, felizmente, incomodaram várias gerações.

Inicialmente sua demanda foi: “Fico me questionando pelas coisas que não fiz” “ter filhos restringe minhas liberdades, mas se eu não estou com eles, nem sei o que fazer” ... “Eu não escolho nada por mim, sempre faço tudo para eles e nunca estou bem com eles” “tomar decisões é difícil para mim”. No momento da consulta, sua possibilidade de almejos por fora do projeto daquilo que era esperado para ela como mulher-mãe estava completamente obstaculizado, mas ao mesmo tempo, essa impossibilidade estava gerando desconforto. Seu espartilho de gênero² impunha restrições e havia algum almejo que esse espartilho já não conseguia conter, embora não ficasse claro o que era.

A história de suas três gravidezes deixa em evidência suas dificuldades subjetivas para construir e executar seu projeto de vida. Tornando em metáfora através da impossibilidade de dirigir veículos, não tinha dirigido quase na sua vida até o momento: fica grávida antes de se casar (22 anos), sendo uma gravidez não planejada, mas a partir de então parece desenvolver o desejo pela maternidade e, por isso, após a perda do bebê, ela e o seu parceiro começam a planejar uma nova gravidez. Após o nascimento do seu primeiro filho, as próximas duas gravidezes “*não foram planejadas, mas foram bem recebidas*”. Durante a última gravidez, Romina sofreu particularmente (o bebê nasceu dois meses antes dela chegar à consulta).

No que diz respeito à família de Romina, ela é filha de uma família tradicional (ela, seu irmão mais jovem, sua mãe, que parou de trabalhar durante os primeiros anos de vida dos seus filhos para se dedicar a eles, e seu pai). Romina conta em várias sessões as diferenças entre a criação do irmão comparada com a dela: tudo o que seu irmão decide e faz recebe a aprovação dos seus pais, recebe aprovação e comemoram tudo, diferentemente de suas próprias decisões, pois se ela não fizer as consultas pertinentes, será questionada, em especial pela sua mãe: “A minha mãe tem muita influência sobre mim, o que ela diz importa demais. Ela quer me influenciar em relação a tudo, o tempo todo”. As características da criação de Romina, com uma incidência forte e predominante da sua mãe, colocam em evidência um estilo de maternidade exercido por essa mãe, que está marcado por resignar o seu desenvolvimento no trabalho, e no âmbito social e pessoal, para focar sua vida e sua autoestima nas conquistas vinculadas com seu exercício materno, em relação aos projetos vitais de seus filhos. Isso deixa marcas na subjetividade de Romina, que serão abordadas ao longo do trabalho.

² *Espartilho de gênero* entendido como as prescrições e proscricões diferenciais para mulheres e homens no patriarcado. Inclui o roteiro dos lugares para circular e o que fazer e não fazer em cada espaço, as pautas para as relações sexuais-afetivas, os cuidados próprios, etc.; de acordo com o esperado pela sociedade para cada gênero (Tajer, 2021).

Sobre o mandato de maternidade

O mandato da maternidade abnegada opera aqui produzindo sofrimento. Nesse sentido, segundo Butler (2003), a subjetividade de Romina foi constituída a partir do que ela podia (procriar, ser boa mãe e boa esposa) e também de suas restrições (não poder construir projetos únicos fora de seus mandatos de gênero). A partir desses preceitos começou a produção de uma diferença³ no trabalho com ela.

Romina chega à consulta procurando o singular e sabe que encontrará um pouco disso fora do mandato da maternidade, mas ainda não sabe o que é nem onde achá-lo. Nesse momento me pergunto: como construir a possibilidade de encontro com o que é próprio? Como gerar suportes que lhe permitam construir algo diferente do que se espera dela, sem perder de vista sua maternidade, que é uma prática que ela deve manter? Como promover o necessário para a produção do psiquismo infantil na criação, mas não às custas de seu mal-estar?

Nancy Chodorow (1984) assinala que a aprendizagem dos papéis de gênero sustenta uma organização parental assimétrica, implicando uma avaliação do exercício da maternidade, que reproduz as subjetividades diferenciadas e desiguais entre os sexos, o que acarreta um alto custo subjetivo para as mulheres. Nesse sentido, Romina diz: *"Fomos sempre o exemplo de casal, eu como mãe, para a família e na paróquia (local onde conheceu o seu parceiro)" "Faço tudo bem, mas me sinto mal"*.

Como afirma Glocer ao desenvolver seus postulados sobre a função simbólica ou terceira, como função que não é exclusivamente masculina, os projetos e desejos femininos hoje não estão centrados na maternidade, razão pela qual o desejo e a função de separação aparecem também nas mulheres, no sentido de poder se separar dos filhos para ir a outros lugares do seu desejo: *"A maternidade implica um sujeito ao mesmo tempo desejador e simbolizador, com a capacidade de realizar as necessárias operações de separação e corte"* (Glocer, 2014, p. 35). Isso estava presente em Romina, mas ao mesmo tempo parcialmente silenciado e bloqueado pelos mandatos tradicionais, por isso precisava abrir esse espaço.

O ideal feminino tirânico centrado na maternidade presente na paciente é reforçado em suas interações relacionais: com seu parceiro, com a família de origem (especialmente com a mãe) e na igreja. Nas suas passagens fora de casa, suas interações sociais reforçam e ponderam esses ideais, aprofundando nesses vínculos os mandatos supracitados.

³ Por *produção da diferença* estou me referindo à possibilidade de produzir alguma coisa diferente ao que se espera para ela, segundo os mandatos da mulher-mãe, apreendidos durante o seu processo de socialização; bem como ao imposto pelo espalho de gênero.

Jessica Benjamín argumenta que a importância atribuída ao ideal materno nas famílias tradicionais de nossas sociedades esconde a situação em que as mulheres se encontram em casa: privadas do ambiente de apoio. No exercício da maternidade como ideal, as mulheres ficam isoladas e em situação de dependência em relação aos seus parceiros: “As mães estão quase tão desamparadas quanto nos dias de total dependência econômica e, de certa forma, ainda mais. (...) Detrás do ideal de maternidade, há problemas reais ocultos, que colocam em risco mães e filhos” (Serrano, 2002, parágrafo 139).

Nesse sentido, Mabel Burin (2010) afirma que a maternidade tende a ser considerada como garantia da saúde mental para as mulheres, sendo que, ao contrário, pode ser um fator de risco. Coloca que vários estudos destacam os papéis de gênero feminino como fatores que influenciam fortemente as formas pelas quais as mulheres adoecem: “(...) o esgotamento do trabalho materno está claramente associado ao desconforto da mulher, mas geralmente aparece na forma de angústia, sentimento de culpa, hostilidade reprimida ou distúrbios psicossomáticos” (Burin, 2010, p. 10). A autora afirma que o trabalho doméstico é depressogênico, o que podemos ver claramente na situação clínica apresentada.

Sobre o desejo e gozo de sua sexualidade

Um dos sofrimentos de Romina é a falta de prazer nas relações sexuais como uma constante na sua história como casal, o que lhe causou vários problemas com seu parceiro. Quando aprofundamos nisso, ela expressa que seu desejo (especificamente desejo sexual, mas também qualquer expressão de desejo fora do mandato) aparece fortemente censurado por sua mãe, que nunca lhe falou sobre sexualidade e que promoveu sua virgindade até o casamento. Isso, somado às posteriores dificuldades que o casal teve para cuidar de si e assim planejar sua gravidez, significa que para Romina a sexualidade não é fonte de prazer, mas, ao contrário, é fonte de preocupação e constitui mais um mandato para cumprir. O desejo sexual permanente de seu parceiro reforça suas experiências e não permite que ela se encontre com seu próprio desejo. Nesse sentido, concordamos com Tajer (2021) em relação ao fato de que sustentar o próprio desejo supõe a possibilidade de agência ou apropriação subjetiva. Em outras palavras, o foco deve ser colocado na apropriação do desejo e para que exista como tal, o sujeito desejador deve ser colocado na condição de parceiro semelhante, sujeito de seu próprio desejo para o outro. Isso está caricaturado no que Romina nos conta, algo como *quando o outro me permite desejá-lo, quando há espaço para a manifestação do meu desejo, eu gosto*.

Conforme descrito por Burin (2010), Meler (2020) e Tajer (2021) ao propor uma certa caracterização para mulheres cuja feminilidade responde a um modelo tradicional, vemos nos relatos de Romina uma certa impossibilidade de expressar direta e ativamente sua sensualidade, pois o faz de forma passiva e reprimida; de acordo com o mandato social encarnado nela pelo discurso materno sobre os males que o desejo e a sexualidade supõem nas mulheres. Novamente, essa impossibilidade de se apropriar e amar seu desejo (Dio Bleichmar, 2002) e expressá-lo gera sofrimento:

(...) o destino do erotismo que não pode ser expresso diretamente costuma ser: a formação de sintomas neuróticos ou corporais, a transformação em ternura “maternalizando” os vínculos com os homens, a erotização da relação mãe-filho e a redução geral do desdobramento do erotismo para além da concepção de filhxs. (Tajer, 2021, p. 31)

Ao longo destes anos de trabalho, Romina desenvolveu múltiplas formações sintomáticas no corpo, fundamentalmente na área digestiva (dor abdominal intensa, comer mais do que o necessário e passar mal, etc.). No início, esses desconfortos pareciam desarticulados do mundo simbólico, mas aos poucos fomos restabelecendo certos vínculos, ora com carga afetiva, ora de forma mais artificial. Este trabalho possibilitou colocar em palavras o sofrimento somático e vinculá-lo de outra forma ao seu universo simbólico.

Sobre como se relacionar com seu parceiro

Mesmo quando as mulheres avançam em todas as áreas da vida em paridade, o amor continua sendo uma área em que velhas desigualdades são recicladas: o amor é um núcleo duro e resistente à mudança (Tajer, 2000). Isso pode ser explicado pelo fato de que as transformações sociais e culturais não ocorrem na mesma velocidade dos modos inconscientes de produção desejadora, que mudam muito lentamente ao longo da história (Meler, 2017). Nesse sentido, desde o início do trabalho com Romina, levantei um questionamento sobre os aspectos do seu sofrimento subjetivo e algumas características da relação com seu parceiro: me questionei sobre como foi se construindo a forma de habitar esse vínculo para ela. Ao longo do processo de trabalho, ela relata situações em que seu parceiro fala por ela, faz coisas por ela, age como mediador no seu vínculo com o mundo público. Do ponto de vista do vínculo, eles se articulam como casal de forma em que ela acaba sendo anulada em consequência do que ele é (muito sociável, extrovertido, com habilidades de relacionamento); e ao mesmo tempo isso tudo que ele é fez com que por muito tempo ela não precisasse encontrar aspectos de si mesma que rejeita e geram conflitos (tímida, introvertida): *“Ele é meu elo com outras pessoas, ele se aproxima e conversa e eu vou junto”*. Essa dinâmica de vínculo foi naturalizada no início do tratamento e operava para ambos (sem dúvida mais para ele do que para ela).

O exposto mostra claramente como o casal durante muito tempo reproduziu um modo tradicional de subjetivação de gênero e produção do conjugal, caracterizado por uma divisão assimétrica de poderes e papéis, com a heterossexualidade em predomínio. Luis era o dono do espaço público, alcançando sucesso e reconhecimento, enquanto Romina era a dona do espaço privado (cuidado dos filhos), alcançando aparente sucesso nessa dimensão (fundamentalmente pelo reconhecimento de sua família de origem), mas não conseguindo acessar o reconhecimento em outras áreas da vida fora da maternidade, apesar de ter feito um curso universitário. É notório que em Luís estão muito presentes os preceitos de proteger, prover e procriar, aqueles que se impõem ao desejo de Romina, anulando-a subjetivamente. Como hipótese de trabalho, consideramos que essa forma de dominação estabelecida por Luis é uma forma de violência simbólica constitutiva de sua masculinidade, que por muito tempo operou como uma maquinaria perfeita sobre o corpo dela. Isso em determinado momento começou a incomodá-la e então foi possível começar a questionar e desamarrar o nó.

Nesse sentido, Jessica Benjamin (2012b), em sua análise do problema da dominação nas relações de casal, estuda a intersubjetividade, e propõe que dominação e submissão são o resultado de uma ruptura da tensão que deve existir nas relações para que ocorra o reconhecimento mútuo, em que deve haver uma tensão permanente entre a autoafirmação e o reconhecimento do outro. Esse reconhecimento mútuo tem suas raízes nos vínculos estabelecidos na primeira infância e se reproduz naqueles estabelecidos posteriormente: "(...) essa tensão que permite que o eu e o outro estabeleçam um vínculo de reciprocidade, de paridade" (Meler, 2013, p. 12).

O reconhecimento, segundo Benjamin (2012a), pode ser pensado como uma posição psíquica pela qual sabemos que o outro é semelhante, e como um processo em ação pelo qual o reconhecimento do outro confirma o que se é (Dio Bleichmar, 2018).

Além disso, o reconhecimento mútuo implica que o eu só pode ser reconhecido por suas ações, e somente se as ações tiverem um significado para o outro. Para Romina, as únicas ações que podiam ser reconhecidas eram aquelas vinculadas com a maternidade, o que a coloca em posição de submissão, sem a possibilidade de se abrir além dos preceitos de cuidar e criar.

Por meio desse modelo de reconhecimento na intersubjetividade, é possível pensar a forma como Romina tem buscado o reconhecimento da mãe, em contraposição ao reconhecimento que é concedido ao irmão desde a infância. Essa busca se repete em seu relacionamento de casal e implica um processo de anulação para ela como sujeito do desejo; posicionando-se em um lugar de submissão (para a mãe, para Luis). Assim, Benjamin propõe "(...) que o outro poderoso ao qual algumas mulheres se submetem, tem o poder que elas anseiam. Satisfazem então seu desejo de poder através da identificação com seu Senhor"

(Meler, 2013, p. 13); negando-se a si mesmas a partir do modelo de identificação com a mãe que outrora renunciou à sua subjetividade.

Romina percebe a dominação exercida pelos outros sobre ela, e como isso está ligado às formas que ela estabelece de ser/fazer/sofrer e gozar como as únicas possíveis. A problematização sobre foi o que lhe permitiu romper com essa dominação e com os mandatos do que se espera dela. Para fazer isso, ela precisou se enfrentar à difícil encruzilhada de sustentar este mandato e ao mesmo tempo desejar outras coisas. Parte do trabalho foi tentar encontrar um lugar para expressar isso, dar sentido, escutar e poder articular seus próprios desejos com o amor pelos filhos e a criação exercida desde outro lugar. Tudo isso implicou sair da dialética do senhor e do escravo como forma de vínculo para possibilitar novas formas de criar e amar; que sejam mais genuínos e gentis com ela, onde seja possível que o desejo da maternidade seja um, entre vários desejos possíveis para ela.

Algumas considerações sobre a hostilidade

Suas poucas possibilidades de dizer, de expressar o que lhe afeta, de ficar zangada e depositar esse sentimento no vínculo com os outros, é uma marca no trabalho com Romina; o que nos remete às descrições de Burin (2010), Meler (2020) e Tajer (2021) sobre as inibições das mulheres em suas possibilidades de manifestar amplamente as pulsões hostis, o que está diretamente associado aos modos de socialização feminina: (...) elas foram criadas para ser sempre “boas meninas”, obedientes, não reclamar, ser humildes, falar em voz baixa ou calar como atributos da feminidade. Esses mandatos, que estabeleceram canais privilegiados para o desdobramento de sua hostilidade, fazem com que devam se enfrentar a dificuldades na gestão com maturidade. (Tajer, 2021, p. 30) As inibições de Romina para implementar a hostilidade fazem com que ela apareça indiretamente tendo dificuldades para dizer com maturidade, e, portanto, para ser ouvida como adulta com um posicionamento e um desejo próprios diante das diferentes questões que lhe são apresentadas. Ela relata que quando fala, chora e isso faz com que o que disse perca valor, gerando rejeição. Isso está ligado ao que foi desenvolvido anteriormente sobre a produção de sintomas físicos e a volta da hostilidade para consigo mesmo, acompanhada de um superego extremamente estrito que gera sofrimento, tudo o que foi trabalhado com ela durante esse período.

Reflexões finais

Entendemos que a articulação entre a situação clínica de Romina e a teoria psicanalítica com a perspectiva de gênero nos permite apresentar o diálogo imprescindível entre gênero e psicanálise para uma compreensão psicodinâmica heterodoxa e pós-patriarcal dos pacientes que consultam.

Desse ponto de vista, em permanente diálogo com a teoria, durante esses anos de trabalho com Romina, fomos capazes de construir alternativas ao seu sofrimento, todas elas marcadas pelo encontro com algo de seu desejo e a construção de condições que habilitem sua autonomia sem que sua possibilidade de amar seja ameaçada; porque, como coloca Ana María Fernández (2021), a definição freudiana de Saúde Mental como amar e trabalhar supõe a construção da autonomia para as mulheres e a desconstrução do poder para os homens, tanto no sentido político quanto no subjetivo; para que o vínculo em casais heterossexuais seja de paridade.

Na tentativa de listar as conquistas desse processo em Romina, vemos que ela mudou radicalmente de emprego, atualmente trabalha em algo que gosta muito e lhe dá satisfação, passou a se exercitar, dedicando um espaço-tempo para si mesma, aprendeu a dirigir e tirou a carteira de motorista (o que tem conotações práticas para sua vida com três crianças, mas também simbólica, na medida em que lhe permite se deslocar com independência). Antes *“Quando eu estava sozinha, me sentia mal”*, agora ela aproveita seu tempo sozinha como um tempo para si mesma. Além disso, Romina é mais benevolente consigo mesma, e sua autoavaliação não depende mais exclusivamente do que recebe de fora. Ela se escuta mais e faz o que sente e deseja, de uma forma qualitativamente diferente. No que tange ao vínculo, ela conseguiu enfrentar internamente sua mãe e seu parceiro, a quem questiona permanentemente por causa de sua forma sutil de imposição. Com ele conseguiram redistribuir as tarefas domésticas e sua carga mental, e ela parou de consultar a mãe sobre todas as decisões que toma, posicionando-se diante dela de um lugar diferente (uma mulher adulta que se vincula a outra mulher adulta). Vale ressaltar que Luis sempre esteve disposto a rever suas práticas e modificá-las, renunciando a muitos de seus privilégios.

Como diz Karen Horney, Romina conseguiu se encarregar da inveja que sente do lugar de privilégio de seu parceiro, e entendo que essa inveja é saudável, pois, do lugar de submissão em que se encontra, como poderia não invejar a posição de quem soube construir seu projeto de vida com base nas mais amplas alternativas e liberdades?

Nesse sentido, ela tenta passar da inveja do parceiro sem poder sair para o mundo público e exibir sua competitividade inconsciente e suas pulsões hostis, e fazer isso progressivamente, em doses homeopáticas, sustentando simultaneamente o exercício da maternidade e da vida doméstico. No entanto, há muitas marcas de sua educação inicial que permanecem. Assim, suas limitadas habilidades para o desenvolvimento no mundo público (tímida, reservada, etc.) têm sido marca de sua subjetividade, ao mesmo tempo em que constituem obstáculo ao longo do processo de trabalho, especialmente para o desenvolvimento de vínculos de amizade, com seus pares, fora da família; aspecto sobre o qual é essencial aprofundar.

Algo chave nas suas transformações subjetivas foi a possibilidade de sentir raiva: ficar zangada com seu antigo emprego, com a dependência econômica de Luis, com a permanente imposição da sua mãe, com a passividade do seu pai, com ela mesma por algumas decisões tomadas no passado. Isso possibilitou certos movimentos subjetivos.

Nesse sentido, a partir da posição de analista, tenho procurado construir no processo terapêutico uma terceiridade habilitadora (Benjamin, 2012a), procurando integrar e consertar o existente, legitimando seus afetos e possibilitando a construção de uma subjetividade diferente. A construção dessa terceiridade esteve pautada pela possibilidade de nos construirmos como sujeitos semelhantes que, embora diferentes, podemos nos reconhecer de forma mútua; com a expectativa de que esta construção possa funcionar como um modelo de vínculo a ser transferido para outros vínculos:

(...) esse terceiro permanece no plano simbólico, na capacidade de manter a diferença presente, de reconhecer a realidade separada do outro e, assim, criar uma posição em que mais de uma subjetividade ou realidade ou perspectiva possam coexistir. (Benjamin, 2012a, p. 170).

A aposta foi propor, a partir da posição de analista terceira, um modelo de mulher e feminidade mais flexível, menos polarizado, mais autônomo e desejador e, portanto, menos sofrido. As conquistas são evidentes. Ainda há trabalho pela frente.

Referências bibliográficas

- Amorós, C. (2000). "Presentación (que intenta ser un esbozo del status questionis)". Em C. Amorós (comp.) *Feminismo y Filosofía*. Madri: Síntesis.
- Benjamin, J. (2012a). "El Tercero. Reconocimiento". *Clínica e Investigación Relacional*, 6(2), 169-179. Disponible em: <https://www.psicoterapiarelacional.es/CelRREVISTA-On-line/CelR-Buscador-Valore-y-comente-los-trabajos-publicados/ID/299/El-Tercero-Reconocimiento-Jessica-Benjamin-PH-D>
- Benjamin, J. (2012b). "Descifrando el enigma del sexo: Pasividad femenina y dominancia masculina, una solución al problema del exceso". *Clínica e pesquisa de relações*, 6(2), 187-203. Disponible em: <https://www.psicoterapiarelacional.es/CelRREVISTA-On-line/CelR-Buscador-Valore-y-comente-los-trabajos-publicados/ID/301/Descifrando-el-enigma-del-sexo-Pasividad-femenina-y-dominancia-masculina-una-solucion-al-problema-del-exceso-Jessica-Benjamin-Ph-D>
- Burín, M. (2010). "Género y salud mental: construcción de la subjetividad femenina y masculina". Texto elaborado com base em uma aula sobre Gênero e Saúde mental, Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires. Disponible em: http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/bitstream/handle/123456789/1529/Burin_2010_Preprint.pdf?sequence=1
- Butler, J. (2003). *Cuerpos que importan*. Buenos Aires, Editora Paidós.
- Chodorow N. (1984). *El ejercicio de la maternidad*. Barcelona: Gedisa.
- Dio Bleichmar, E. (2002). "Sexualidad y Género: Nuevas perspectivas en el psicoanálisis contemporáneo". *Aberturas Psicanalíticas*, 11. Disponible em: <https://aperturas.org/articulo.php?articulo=0000224>
- Dio Bleichmar, E. (2018). "¿Es posible un principio moral como base de una buena acción terapéutica? El tercero moral de Jessica Benjamin". *Aberturas Psicanalíticas*, 58. Disponible em: <https://aperturas.org/articulo.php?articulo=1014&a=Es-posible-un-principio-moral-como-base-de-una-buena-accion-terapeutica-El-tercero-moral-de-Jessica-Benjamin>
- Fernández, A. (2021). *Psicoanálisis. De los rasgos fundacionales a los lapsus del siglo XXI*. Buenos Aires: Editora Paidós.
- Glocer, L. (2014). "La nostalgia del padre: ¿función paterna o función tercera?". Em P. Alkolombre C. Sé Holovko (Eds.), *Parentalidades y Género, su incidencia en la subjetividad*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Meler, I. (2013). "El género". Em I. Meler (Ed.), *Recomenzar. Amor y poder después del divorcio*. Buenos Aires: Editora Paidós.
- Meler I. (2017). "Relaciones amorosas en el occidente contemporáneo: encuentros y desencuentros entre los géneros". Em I. Meler (comp). *Psicoanálisis y Género. Escritos sobre el amor, el trabajo, la sexualidad y la violencia*. Buenos Aires: Editora Paidós.
- Meler, I. (2020). "Psicoanálisis y Género: debates actuales y nuevas construcciones subjetivas". *Descentrada*, 4(1). <https://doi.org/10.24215/25457284e099>
- Sánchez, M. (2012). "Los Lazos de Amor: un nuevo paradigma psicoanalítico". *Revista Sui Generis*, 38, 37-42. Disponible em: https://www.researchgate.net/publication/328749445_Los_Lazos_de_Amor_un_nuevo_paradigma_psicoanalitico_1
- Serrano, C. (2002). "Los lazos del amor. Psicoanálisis, feminismo, y el problema de la dominación". *Aberturas psicanalíticas*, 12. Disponible em: <https://aperturas.org/articulo.php?articulo=0000224>
- Tajer D. (2000). "Mujeres y varones. Lo ideal y lo posible. Lo semejante y lo diferente". *Palestra apresentada no Fórum de Psicanálise e Gênero, APBA, 28/9/00*.
- Tajer, D. (2021). *Psicoanálisis para todxs. Por una clínica pospatriarcal, posheteronormativa y poscolonial*. Buenos Aires: Editora Topía.